

# UMA TRINCHEIRA CONTRA A FOME OCULTA

Por Fernando Sinimbu



O combate à fome oculta, que é a desnutrição em crianças e adultos, empreendido pela Rede Brasileira de Biofortificação, está ganhando força. O desafio da rede para encontrar produtos ricos em nutrientes está sendo vencido. Já foram desenvolvidas e lançadas três cultivares de feijão-caupi; três cultivares de feijão comum, todas com altos teores de ferro e zinco; três cultivares de mandioca de mesa; uma cultivar de batata-doce e uma cultivar de milho, todas com excelentes teores de pró-vitamina A.

As ações estão avançando a cada dia. O Projeto Alimentos Biofortificados – Projeto BioFORT trabalha o desenvolvimento de mais cultivares de mandioca, batata-doce, abóbora, milho, arroz, feijão-

caupi, feijão comum e trigo com altos teores de nutrientes. O trabalho é feito em rede, através do melhoramento convencional de plantas da mesma espécie. Elas são selecionadas e cruzadas, até que sejam obtidas variedades com maiores teores de ferro, zinco e pró-vitamina A.

O trabalho alcança municípios do Nordeste e Sudeste, com uma perspectiva de chegar a todos os estados brasileiros. Outra ação ampliada do projeto é o desenvolvimento de produtos agroindustriais, como farinha de batata doce, mandioca e feijão-caupi. Os estudos buscam também embalagens que conservem por mais tempo os micronutrientes. O objetivo é envolver o maior número possível de pessoas, principalmente às de baixa renda.

Na versão transferência de tecnologias, as ações também ganham musculatura. Pelo menos 31 instituições, em nove estados, já participam do projeto. São 27 escolas agrotécnicas e quatro entidades sociais. No Piauí, 44 produtores estão cadastrados e participando. Mais 56 estão em processo de cadastramento. Aderiram também ao projeto produtores dos estados da Bahia, Roraima, Pará e Maranhão.

Nas escolas, entidades sociais e em pequenas propriedades são instaladas unidades de multiplicação de material propagativo de batata-doce, mandioca e feijão-caupi. Essas unidades, segundo o líder do projeto, Marcos Jacob Almeida, da Embrapa Meio-Norte, são a base do aprendizado dos futuros técnicos agrícolas. Eles serão os multiplicadores das tecnologias nas localidades onde moram, atendendo às demandas dos produtores

da região por material propagativo. “O projeto avança além da expectativa”, comemora.

Cinco municípios do Piauí já se destacam na produção de alimentos biofortificados. São eles: Oeiras, São João da Varjota, Santo Inácio, São Francisco e Cajazeiras do Piauí. Os produtos são comercializados em feiras livres e diretamente à Companhia Nacional de Abastecimento – Conab. Produtos como batata-doce e macaxeira, com menos de 200 gramas, sem valor comercial, são transformados em ração para pequenos animais.

A Rede BioFORT, que no Brasil é liderada pela Embrapa, tem o apoio dos programas HarvertPlus e Agrosul e aporte financeiro da Fundação Bill e Melinda Gates, Banco Mundial e agências internacionais de desenvolvimento, reúne mais de 150 profissionais em 11 estados. O projeto é parceiro de centros de pesquisas no Brasil e no exterior, governos estaduais, prefeituras, universidades e organizações não governamentais. A pesquisadora Marília Nutti, da Embrapa Agroindústria de Alimentos, com sede no Rio de Janeiro, é a líder.

### **Agroterapia avança com o Projeto BioFORT**

A agroterapia ganha força no Projeto Biofortificação de Alimentos – Projeto BioFORT, na versão transferência de tecnologias, liderado em rede nacional pela Embrapa Meio-Norte. As ações já chegaram às entidades que cuidam de dependentes químicos no Piauí e Maranhão. São treinamentos e o cultivo de produtos como feijão-caupi, batata-doce e mandioca.

No Piauí, estão implantadas unidades multiplicadoras do projeto na Fazenda da Paz – Luz e Vida, situada na comunidade Lagoa da Mata, a 22 quilômetros do centro de Teresina. No Maranhão, as ações do BioFORT estão mudando a vida de internos das comunidades terapêuticas Betesda, no povoado Gameleira; e Cordeiro de Deus, na localidade Perdidos, no município de Timon.

Os produtos, com altos teores de ferro, zinco e betacaroteno, estão melhorando a nutrição dos internos, que chegam às comunidades debilitados. Na Fazenda da Paz, são cultivados três hectares com o feijão-caupi, mandioca e batata-doce. A produção é consumida pelos internos. O excedente é comercializado para ajudar nas despesas da comunidade, segundo o agrônomo Rodolfo Sousa.

Responsável pelos treinamentos e orientação no cultivo das hortas, Rodolfo Sousa vê muito além do trabalho de recuperação dos dependentes químicos: “Eles têm a oportunidade de aprender uma profissão para ganhar a vida quando saírem daqui. O nosso objetivo é que eles encontrem um novo rumo na vida”.

Hoje, a entidade abriga 55 internos, na faixa etária de 14 a 29 anos. A maioria é de Teresina e usava crack. Eles passam no mínimo um ano envolvidos com atividades agrícolas, na chamada agroterapia. Nesse período, os internos recebem a formação em técnicas agrícolas. Por ano, em média, são formadas 90 pessoas que deixam a entidade preparadas para trabalhar na agricultura.

Encravada numa área de 69 hectares, na zona rural norte da capital do Piauí, a

Fazenda da Paz tem estrutura para manter até 180 internos. Construído pelo Governo do Estado e inaugurado em 2010, o prédio da entidade é moderno e bem dotado. Tem um centro educacional, ambulatório, auditório para 100 pessoas, cine teatro, capela, além de refeitório e alojamentos.

O mentor da ONG foi o padre Pedro Balzi, ex-pároco da comunidade Vila da Paz, na zona sul de Teresina. Mas a ideia saiu do papel e ganhou vida pelas mãos do terapeuta Célio Luiz Barbosa, de 52 anos. Em Teresina, a Fazenda da Paz é coordenada por Francisco Inácio e Roberto Nascimento. Este, que tem 28 anos, é um ex-interno.

A entidade mantém mais duas unidades no município de Timon. As articulações da ONG são coordenadas por Fernando Rodolfo. A Fazenda da Paz é também parceira do Projeto BioFORT no fornecimento de sementes de feijão-caupi para as unidades multiplicadoras.

